



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

KARLA SANTOS LIMA

REZADEIRAS: IMPORTÂNCIA DO OFÍCIO E SUA PRÁTICA NA ATUALIDADE

GUARABIRA -PB

2025

KARLA SANTOS LIMA

REZADEIRAS: IMPORTÂNCIA DO OFÍCIO E SUA PRÁTICA NA ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em história.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Naiara Ferraz Bandeira Alves

GUARABIRA-PB

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732r Lima, Karla Santos.
Rezadeiras [manuscrito] : importância do ofício e sua
prática na atualidade / Karla Santos Lima. - 2025.
27 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2025.

"Orientação : Prof. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves,
Departamento de História - CH".

1. Rezadeira. 2. Prática de cura. 3. História oral. 4.
Resistência cultural. I. Título

21. ed. CDD 306.09

KARLA SANTOS LIMA

REZADEIRAS: IMPORTÂNCIA DO OFÍCIO E SUA PRÁTICA NA ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
História

Aprovada em: 05/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega** (***.088.104-**), em 17/06/2025 08:25:47 com chave d0ee01a84b6d11f0ada506adb0a3afce.
- **Priscilla Gomes de Araújo** (***.242.094-**), em 17/06/2025 13:10:41 com chave 9dc5018c4b9511f089571a7cc27eb1f9.
- **Nalara Ferraz Bandeira Alves** (***.880.884-**), em 17/06/2025 09:46:03 com chave 078b557a4b7911f0b0901a7cc27eb1f9.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 22/06/2025

Código de Autenticação: 5a416c



LISTA DE FIGURA

FIGURA 1. Dona Maria de Lourdes	18
FIGURA 2. A rezadeira	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. EXISTENCIA E RESISTENCIA DAS REZADEIRAS	10
3. GUARDIÃS DA MEMÓRIA	14
4. RELATOS DE UMA REZADEIRA	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	28

REZADEIRAS: IMPORTÂNCIA DO OFÍCIO E SUA PRÁTICA NA ATUALIDADE

KARLA SANTOS LIMA¹

RESUMO

Este artigo apresenta as atividades de reza, conhecimento praticado principalmente por mulheres que desenvolveram orações e medicamentos à base de plantas medicinais e que por muito tempo foram as únicas alternativas terapêuticas nas comunidades e povoados desprovidos dos saberes médicos. Analisando a prática de cura realizada pela rezadeira Maria de Lourdes, residente em Solânea-PB, cuja atuação permanece relevante tanto em contextos rurais quanto urbanos. Tais práticas, frequentemente marginalizadas por serem classificadas como “populares”, enfrentam historicamente o estigma de ausência de fundamento científico e legitimidade religiosa, estigma esse construído pela Igreja Católica e reforçado, na contemporaneidade, por segmentos do protestantismo. A manutenção destas práticas pela rezadeira demonstra a força de sua resistência. A pesquisa fundamenta-se nos estudos sobre a história das religiões, com base em autores como Mott (1997), Hermann (1997) e Silva (2018), e utiliza a metodologia da história oral (ALBERTI, 2005) juntamente com a entrevista concedida pela rezadeira Maria de Lourdes para apresentarmos as orações, instrumentos, diagnósticos e enfermidades tratadas por essa mulher. O objetivo deste estudo foi analisar as práticas culturais das rezadeiras, sua permanência e adaptações à modernidade, analisando como a memória e oralidade atuam para manutenção e propagação dessa prática. Essas personagens são agentes de resistência cultural e espiritual, que, por meio da fé e da caridade, oferecem cuidado às pessoas que as procuram. Os relatos de Maria de Lourdes revelam elementos de sincretismo religioso, expressando formas particulares de vivência e prática religiosa no Brasil. Ao registrar essas experiências, busca-se contribuir para a preservação e valorização de saberes tradicionais, que vem desaparecendo diante do desinteresse das futuras gerações em dar continuidade ao ofício. Muitas vezes invisibilizados, esses saberes são, no entanto, essenciais à compreensão da diversidade religiosa e cultural brasileira.

Palavras-chave: Rezadeira; Práticas de cura; História oral; Resistência cultural.

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campos III
Email: 09karlasantos@gmail.com

ABSTRACT

This article presents prayer activities, knowledge practiced mainly by women who developed prayers and medicines based on medicinal plants and which for a long time were the only therapeutic alternatives in communities and villages lacking medical knowledge. Analyzing the healing practices performed by the *rezadeira* Maria de Lourdes, a resident of Solânea, Paraíba, whose work remains relevant in both rural and urban contexts. These practices, often marginalized for being labeled as "folk" or "popular," have historically faced the stigma of lacking scientific basis and religious legitimacy—a stigma constructed by the Catholic Church and reinforced in contemporary times by segments of Protestantism. The continuity of these practices by the *rezadeira* demonstrates the strength of her resistance. The research is grounded in the study of the history of religions, drawing on authors such as Mott (1997), Hermann (1997), and Silva (2018), and employs oral history methodology (VERENA, 2005) along with the interview given by the healer Maria de Lourdes to present the prayers, instruments, diagnoses, and ailments treated by these women. These characters are as agents of cultural and spiritual resistance who, through faith and charity, offer care to those who seek their help. The accounts of Maria de Lourdes reveal elements of religious syncretism, expressing unique forms of religious experience and practice in Brazil. By documenting these experiences, the aim is to contribute to the preservation and appreciation of traditional, which is disappearing due to the lack of interest of future generations in continuing the profession. Often made invisible, this knowledge is, however, essential to understanding Brazilian religious and cultural diversity.

Keywords: *Rezadeira*; Healing practices; Oral history; Cultural resistencia

1. INTRODUÇÃO

A cura através da reza aparece no Brasil durante o período colonial, após o contato estabelecido entre três grupos étnicos: indígena, africana e Europeia. Esse contato possibilitou a incorporação de elementos não só religiosos de uma cultura sobre a outra. A presença das práticas culturais de reza e benzeção no Brasil ocorreram, entre outros fatores devido a falta, e, precária assistência médica as pessoas das camadas populares, que desenvolveram suas técnicas para cura e prevenção de seus males.

A introdução das práticas católicas na colônia vai ocorrer de forma lenta e gradual, devido ao grande número de cristão novos ainda adeptos as práticas de tradições sincrética, indígenas e negros que, mesmo as escondidas, mantinham contato com suas entidades religiosas. Muitos dos não cristão praticavam dos ritos católicos apenas como meio de não serem rechaçados pelo tribunal inquisitorial.

Como assinala Luiz Mott (1997), havendo repressões gravíssimas aos praticantes de cultos considerados impróprios pela Igreja Católica e pelo estado português, impressiona o número de adeptos praticantes das benções, proibidas pelo tribunal inquisitorial. Ainda segundo o autor, era comum a população recorrer aos detentores desses saberes mágicos religiosos quando se viam sem alternativas naturais para sanar suas aflições. Mesmo durante processos de repressão e proibições de suas práticas, os conhecedores dos rituais de rezas mantêm ativa as práticas até os dias atuais, e são atores sociais de extrema importância para os grupos que partilham dos mesmos credos.

O presente trabalho estuda a história da rezadeira Dona Maria de Lourdes e a sua atuação na cidade de Solânea-PB, analisando através das lembranças narradas sobre as práticas de cura e os elementos que marcam essa cultura. O objetivo é estudar as práticas culturais das rezadeiras, sua permanência e adaptações à modernidade, analisando como a memória e oralidade atuam para manutenção e propagação dessa prática. A pergunta que norteou este estudo é: como práticas ancestrais de cura permanecem ativas na contemporaneidade, mesmo após os avanços da medicina científica moderna?

A importância do texto se configura no estudo da personagem, uma mulher que desenvolve atividades de extrema importância na sociedade. Atualmente estas senhoras enfrenta desafios na transmissão de seus saberes, dividindo espaços com o meio médico científico, se torna alvo de acusações, de silenciamento e preconceito por parte da elite, além de enfrentar desafios para passar seus ensinamentos a outras gerações, mas elas resistem e continuam a

praticar da caridade para tratar doenças. As rezadeiras, em geral, são símbolos da cultura popular e representantes da memória coletiva dos grupos que se identificam com suas práticas.

A motivação que me leva a escrever sobre a temática das rezadeiras parte do sentimento de pertencer a essa prática. Durante minha infância, era levada por minha mãe para rezadeira na comunidade de área rural para tratamento da saúde física e espirituais, e mesmo atualmente, morando na cidade, recorro a essas senhoras tão especiais e movidas pela fé. Outro fator que influenciou minha pesquisa, foi observar a pouca visibilidade e reconhecimento que essas rezadeiras recebem, e que estão a desaparecer, pois não se vê o interesse das gerações futuras em dar continuidade ao ofício.

Os métodos utilizados para dar embasamento a esse estudo, estão inseridos no âmbito da história das religiões, com a metodologia da história oral juntamente com uma pesquisa bibliográfica. Dialogamos com os autores PRIORE (2006), PORTELA (2017), TOSI (1998), REGO (2023), CUNHA (2012), THEOTONIO (2010) entre outros autores que trabalham o contexto histórico em que se encontram inseridas as rezadeiras. Também foi utilizado para fins de pesquisa, a entrevista² com a rezadeira Dona Maria de Lourdes, sendo possível observar por meio de sua narrativa a prática de reza, e o quanto essas personagens são especiais e importantes.

O trabalho está dividido em cinco seções: a primeira seção é composta por esta introdução, seguido pela segunda seção que aborda o contexto histórico da prática de reza, trazendo em cena os momentos de perseguições sofridos por essas senhoras que detinham conhecimento das práticas mágicas, classificadas como hereges e sem sabedoria por parte do clero e da nobreza. Na terceira seção destacamos a importância da memória e oralidade para manutenção e transmissão das práticas culturais, e analisando como as lembranças e narrativas dessas mulheres ganham forma, e mantém viva a identidade e memória de um grupo. Na quarta seção analisamos a narrativa da rezadeira Dona Maria de Lourdes e, a partir de seus relatos pontuamos suas práticas apresentando as orações que ela utiliza, as simbologias empregadas e para quais doenças as orações são lançadas, além discutirmos sobre o seu contato com as formas de curar da modernidade e como elas ressignificam suas práticas, e por fim, composto pelas considerações finais

2. EXISTENCIA E RESISTENCIA DAS REZADEIRAS

² Entrevista presente no endereço: https://youtu.be/5BgcUT1qUxs?si=SDHDkvhE_dfch6Qd

As práticas de reza e benzimento, utilizadas com o intuito de tratar doenças físicas e problemas espirituais, é realizada em sua maioria por mulheres tradicionais que habitam as comunidades rurais e urbanas do Brasil, essas práticas são resultado da bricolagem de três grupos étnicos: indígena, negro e europeu, que se cruzaram nas terras brasileiras no período de colonização. A precarização e falta do saber médico especializado no tratamento das doenças que acometiam a colônia deram origem a formas específicas de ver e curar os males, os quais não eram providenciados pelos médicos, esses saberes passaram a ser exercidos por mulheres que por muito tempo foram as únicas alternativas médicas nas comunidades rurais ou povoados. Detentoras de conhecimentos ancestrais essas anciãs utilizam-se de recursos naturais para o tratamento das doenças. Preparam chás e garrafadas e outros remédios caseiros com plantas medicinais e empregam simpatias e orações como parte dos tratamentos.

Na colônia as práticas populares de cura, também foram alvos de perseguições e acusações de feitiçaria pelas autoridades médicas e religiosas, que mesmo não constando com tribunal da Santa inquisição nas terras brasileiras eles eram julgados e postos a pagar na maioria das vezes sua sentença fora do Brasil. Durante o século XV na Europa, as mulheres detentoras desses saberes foram acusadas de heresia, pois alcançavam o respeito e prestígio das camadas populares. Passando a representar uma ameaça as práticas médicas que vinham se consolidando na colônia e ao poder religioso, que buscava impor o cristianismo como religião oficial, segundo Portela:

O discurso cristão constituiu-se, ao longo da Idade Média, como um discurso fortemente legitimador do cristianismo frente a outros grupos de poder, com forte capacidade de imposição de parâmetros depreciativos aqueles que estivessem fora dos limites da religião auto representada como única e verdadeira. O processo de construção e legitimação do poder do cristianismo deu-se com a inversão do equilíbrio social de um grupo até então inferiorizado pelos romanos e pela comunidade que os cercava. O poder de contra estigmatização do cristianismo possibilitou que o mesmo passasse de grupo inferiorizado à ocupante das mais altas categorias de poder no ocidente europeu medieval, de forma a influenciar sobremaneira o pensamento e o funcionamento daquela sociedade. (PORTELA, 2017, p. 201)

Assim a Igreja Católica legitimava suas práticas de perseguição aos grupos considerados heréticos, utilizando-se do argumento de religião escolhida por Deus, combatendo o mal que tentava desviar seus seguidores do caminho da salvação. Devido ao árduo e lento processo de combate as práticas do paganismo, e a igreja confirmou sua superioridade sobre as demais práticas religiosas. Desprezando qualquer prática religiosa que não viessem a seguir as normas católicas.

Após a fixação do Cristianismo como religião oficial na Europa, estabelece, portanto, um modelo de mulher perfeita a qual todas devem seguir, a obediência e genuinidade são características que toda dama deveria preservar para alcançar status na sociedade.

Entre os grupos classificados como desviados encontravam as rezadeiras/ benzedoras, parteiras e curandeiras, que fugiam das normas pré-estabelecidas as mulheres, pois detinham de conhecimentos que até então não eram cabíveis ao feminino e em sua maioria não se encontravam sobre o domínio de algum homem. Essas personagens praticavam rituais mágicos, em sua maioria recorriam a entidades do catolicismo. Foram caçadas e estigmatizada como praticantes de ações diabólicas, e marcadas no imaginário social como perigosas. Segundo Portela:

com reservas aos problemas que as generalizações podem conduzir, é possível afirmar que as idosas sofreram mais com a perseguição. Velhas, feias, viúvas, parteiras, curandeiras, pobres são algumas características que predominam nos tribunais da inquisição (BARSTOW, 1996, p. 32-46 apud PORTELA, 2017, p. 255).

Como afirma Lúcia Tosi (1998), o estereótipo da mulher como bruxa atingiu seu auge no século XVI, mas o já existia com menor intensidade no século XV na Europa. Mulheres que não estavam sob o domínio do sexo masculino, como o pai ou esposo, foram vistas com maus olhos e transformada em risco social. Segundo a autora, até o século XV, solteiras, viúvas e pobre, ganhavam a vida trabalhando nas feiras, e participavam de diversas tarefas e ofícios na comunidade sem intervenção civil ou religiosa. No entanto, após esse período foram incluídas nos manuais inquisitórias, instrumento que contribuiu para difamação e inferiorização do corpo feminino. Esses manuais retratavam o feminino como tendo corpos promíscuos e sexualidade incontrolável, suscetíveis a aberturas das práticas do mal.

Mesmo diante da estigmatização e desvalorização de seus corpos e saberes, essas personagens conhecedoras dos rituais mágicos religiosos continuaram a prestar seus serviços às camadas populares da sociedade. Muitas vezes, elas eram a única alternativa para o retorno das condições de saúde físicas e espirituais, tornando-se necessárias durante a Idade Média. Isso lhes assegurou credibilidade e respeito.

Conjurando o espírito, curandeiras e rezadeira, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malélicas, substitui a falta de médico e cirurgião. Era também a crença na origem sobrenatural da doença que levava tais mulheres a recorrer a expedientes sobrenaturais. (DEL PRIORI, 2007, p. 81)

Segundo NOGUEIRA (2004, p. 44-45) apesar das condenações, os homens da Idade Média necessitam da presença da feiticeira como terapeuta de seus males físicos e sociais.

Atuando na aldeia, a feiticeira sobe o castelo do nobre, ao palácio do bispo e inclusive ao próprio paço real. A consciência medieval resgata da Antiguidade a ideia da ação mágica benéfica, que justifica a existência da boa feiticeira que, na visão popular, e até mesmo na erudita, empregava seus conhecimentos resultantes de séculos de práticas acumuladas de feitiçaria para curar ou amenizar doenças. (apud COSTA, 2012, p. 30).

Assim, essas senhoras alcançaram status no meio social por meio de suas práticas, que lança mão a ideia de benfeitora, praticada através da gratuidade e dedicação de boa parte do seu tempo a sanar os males que acometiam os doentes, com a ideia do mistério, por serem detentoras de conhecimentos específicos, praticada no ato de gestos e das orações muitas vezes inaudíveis ditas em sussurros.

A coroa portuguesa influenciada pela doutrina católica, se opôs aos avanços científico e popular levando para colônia brasileira os mesmos conceitos, causando um grande atraso na medicina. Como resultado de sua influência no meio médico, a doença e a cura foram associadas à crença religiosa, com a doença sendo vista como um sinal de forças alheias ao corpo ou como gesto de punição decorrentes dos atos impróprios.

Tendo papel importante na comunidade, as detentoras desse conhecimento passaram a prestar serviços essenciais para a ordem e manutenção das comunidades, com serviços de adivinhações, encantamento para proteção, práticas da medicina popular e cuidado com as grávidas. Essas médicas populares são conhecedoras de várias oratórias no tratamento de quebranto, mal olhado, espinhela caída, entre outras enfermidades. Um modelo dessa prática oratória nós traz Mary Del Priore.

Angariando fama por curar erisipela e quebranto, Domingas pronunciava as seguintes palavras: “Dois olhos mais te deram, com três te hei de curar, que são as três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo”, e enquanto fazia cruces sobre os enfermos, “rezava um Padre Nosso e Ave Maria a paixão e morte do Nosso Senhor Jesus Cristo” (DEL PRIORI, 2007, p. 92)

A igreja buscando impedir o acesso da comunidade as atividades de cunho sobrenatural, as mulheres que praticavam essas atividades foram estigmatizadas como feiticeiras e causadoras da desordem. Foram classificadas pelo Tribunal do Santo Oficial, como dotadas de natureza pervertida, e inteligência limitada, o que as tornava segundo o Santo Oficial alvo fácil para as astúcias de Satã. Essas mulheres foram caçadas e levadas ao Tribunal do Santo Oficial para serem julgadas e punidas. As condenações variavam de torturas e trabalho forçado, a confiscação de seus bens. As acusadas de feitiçaria e bruxaria eram submetidas a morte nas fogueiras. Apesar

da tentativa de silenciá-las, essas mulheres se mostraram ativas e necessárias, desafiando as normas religiosas e oficiais da época.

A naturalidade e a intimidade com que tratavam a doença, a cura, o nascimento e a morte tornavam-nas perigosas e malditas. Com a acusação de curandeirismo, eram duplamente atacadas por serem mulheres e por possuírem um saber que ocupava ao controle da medicina e da igreja. (DEL PRIORI, 2007, p. 108)

A sociedade patriarcal colocou a figura do homem no centro do poder, marginalizando e oprimindo o sexo feminino por milênios. A figura feminina foi desvalorizada e inferiorizada, tendo seus corpos e saberes rotulado como irrelevante. Segundo Mary Del Priore, “O corpo feminino era visto, tanto por pregadores da igreja católica quanto por médicos como um palco nebuloso e obscuro onde Deus e o Diabo se digladiavam.” (PRIORI, 2007, p.78) Essa visão perpétua a ideia de que as figuras femininas eram frágeis físico e espiritualmente, e necessitavam do controle masculino para vigilância de sua natureza incerta. No entanto, apesar desse discurso opressivo, as mulheres sábias e resilientes assumiram um papel política na sociedade, desafiando as estruturas de poder patriarcal.

3. GUARDIÃS DA MEMÓRIA

Quando pensamos em Rezadeira, logo associamos o termo a mulheres anciãs que ocupam esses espaços a séculos. Essas personagens são detentoras de conhecimentos ancestrais, com domínio em rituais religiosos e na medicina popular com a confecção de medicamentos à base de plantas. Esses conhecimentos são repassados de geração em geração por meio da oralidade, instrumento fundamental para manutenção dessa cultura.

Por meio da palavra ou por meio da memória destas guardiãs, esses saberes foram adquiridos, transmitidos e reconstruídos. Isso porque, a transformação do dom em palavra e, por sua vez, em cura, não é muito diferente de outras práticas como cordel e repente, materializam-se a partir do momento em que são pronunciados. (CUNHA, 2012, p. 1 apud CÂMARA; SANZ-MINGO; CÂMARA, 2016, p. 229)

Através da oralidade e da memória, essas mulheres resistiram aos sistemas de opressão que buscavam silenciá-las. Elas transmitiram e preservaram na lembrança os saberes e tradições, mantendo-os vivos em nossa sociedade. Conhecedoras de muitas orações, essas mulheres reconstruíram-se com o tempo aproximando a reza as necessidades das pessoas.

as práticas ancestrais das benzedoras e curandeiras se constroem e se ressignificam com o tempo na contramão da imposição hegemônica do saber eurocêntrico moderno, constituído a partir da ideia de saber único e universal, imposto por meio da dominação/exploração europeia a partir do século XVI com a invasão do território de Abya Yala. (REGO, 2023, p. 31)

É por meio da memória compartilhada que essas anciãs estabelecem relações com o passado e confirmam sua identidade social, ao lembrar de suas raízes, de quem aprenderam e como aprenderam, reforçando sua identidade e seu papel na sociedade. É através da memória coletiva que essas senhoras alcançaram visibilidade social, do que elas produzem e do poder que elas dispõem.

Essas mulheres (mais velhas) responsáveis por firmar na comunidade tradições, costumes e valores. Com vastas experiências adquiridas ao longo do tempo, são detentoras de sabedorias valiosas e ocupam dentro dos grupos culturais lugar reconhecido, mantendo viva a identidade e memória da comunidade. Como cita Ecléa Bossi:

neste momento da velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição da sociedade: “Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. (BOSSI 1987, p. 23)

Mesmo diante dos desafios impostos por uma sociedade de consumo, que valoriza o novo e descarta o velho o que “não produz”, quando observamos as rezadeiras, vemos o contrário que se consolidou sobre o velho. Elas são personagens ativas em suas práticas de cura, desempenham um papel fundamental para manutenção dessa prática cultural. Com isso, os mais velhos são capazes de lembrar e aconselhar, demonstrando que os conhecimentos e experiências constituídos ao longo dos anos são valiosos e merecem respeito.

[...] desejamos ouvir aqueles que não foram ouvidos – as pessoas comuns, os trabalhadores, os pobres e os marginalizados, os homossexuais, os negros, as mulheres, os colonizados. Em nossa área de atuação, a voz de todos esses indivíduos, isolados e obscuros – e, sem exceção, muito especiais –, é igualmente importante e necessária (PORTELLI, 1997, p. 18 apud COSTA, 2018, p. 10)

A história oral surgiu como método transformador na pesquisa histórica, permitindo que novas narrativas, anteriormente marginalizadas, fossem registradas e transmitidas por meio da fala, oferecendo uma perspectiva única sobre o passado. Mas até mesmo a memória coletiva sofre com a manipulação dos grupos dominantes. Como cita Le Goff (1990, p. 426)

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

No entanto a memória coletiva desempenha um papel importante na manutenção da cultura popular e preservação de suas tradições, ao mesmo tempo que se torna objeto na luta

contra o poder, sobre o que se torna esquecimento e o que será exaltado, distorcendo fatos que não se alinham com seus interesses.

Quando partindo para analisar o contexto das rezadeiras na modernidade, observamos que, embora não sejam mais perseguidas, ainda são alvos de estigmatização e desvalorização, em especial pelo setor médico científico, nos afirma Gusmão Rego (2023, p. 28)

há ainda preconceitos, desinformação e invisibilidade sobre suas práticas [...] Há, nesses contextos, a compreensão dessas práticas como charlatanismo, pseudociência, ou ainda, o receio de que tais recursos atrasem ou impeçam a busca por atendimento médico especializado.

Embora ainda marcados pelo medo causado pela falta de conhecimento, essas figuras também são vistas com respeito, devido suas práticas de solidariedade que exercem em suas comunidades, as quais realizam em suas casas curas de enfermidades por meio da oração, sem cobrar nada em troca, “dar de graça o que de graça receberam”. As práticas de reza e benzimento são passadas de geração em geração, seja por meio de familiares ou por gênero. Em alguns casos, há relatos do aprendizado das orações por meio de sonhos ou experiências cotidianas.

A tradição das rezas é passada de geração em geração por meio da oralidade. No entanto as rezadeiras designam que o dom da cura é uma graça divina, que as conectam com o sagrado e permite que elas intercedam pela cura dos outros. A cultura popular³ das rezas é influenciada por rituais espirituais da cultura indígena, africana e da religião católica. No entanto devido ao contexto histórico da colonização, a maioria das rezadeiras se consideram católicas. Em suas orações e rituais, elas frequentemente recorrem a entidades como A Santíssima Trindade, Nossa Senhora, e Santos Católicos.

As rezadeiras, em sua maioria, são católicas, embora, suas ações não correspondam às exigências da Igreja Católica. Isso porque elas pertencem ao que chamamos de catolicismo popular. Esse completamente tomado de símbolos e comportamentos criados e adaptados a partir das crenças e experiências de vida, também se configuram em uma grande força de resistência. (SILVA, 2009, p. 2)

Suas práticas de reza empregam elementos do catolicismo oficial, mas não se limitam a ela. Dialogam com outras práticas religiosas, culturais e da medicina popular que as formam. Se adaptando às necessidades do dia, essas práticas são marcadas por uma devoção aos santos, as procissões, novenas, benzeção entre outros elementos que são característicos da cultura popular.

³ A cultura popular, segundo Mikhail Bakhtin em sua obra “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento” (1987), pode ser conceituada como um conjunto de manifestações culturais que se contrapõem a cultura erudita, evidenciando que a cultura é uma construção coletiva, acessível a todos, independente da classe social ou do nível de escolaridade.

Para compor este ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos acessórios, dentre eles: ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha e pano, além do conjunto de rezas. Estas podem ser executadas na presença do cliente, ou à distância. Em seu ofício, de amplo reconhecimento, essas mulheres “rezam” os males de pessoas, animais ou objetos, bastando apenas que alguém diga os seus nomes e onde moram. (SANTOS, 2009, p. 12-13 apud CÂMARA; SANZ-MINGO; CÂMARA, 2016, p. 227)

Portanto, as rezadeiras e benzedeadas fazem parte da cultura popular, que compartilham suas experiências através da oralidade. Essas práticas são vividas pelo grupo que se identifica com elas e lhes dá sentido, marcando-as no imaginário social. Assim, essas práticas são perpetuadas na atualidade por meio da memória dessas mulheres que mantêm vivos esses saberes perante a sociedade e a confiança que as comunidades têm no poder da oração dessas mulheres, que são praticadas tanto nas comunidades rurais quanto urbanas.

4. RELATOS DE UMA REZADEIRA

“Guiar-se pelas narrativas dessas experientes benzedeadas é permitir-se e fascinar-se pelo que há de mais rico entre elas, as lembranças que guardam com detalhes e conhecimentos que para muitos podem ser apenas feitos, mas para elas são histórias de uma vida” (Souza J. p11, 2018 apud Rodrigues, 2019, p. 21).

É através de suas narrativas que nos deparamos com um universo fascinante de lembranças de seu passado, rodeado de ensinamentos e marcados de experiências. Assim, as memórias do passado atuam no presente e nos permitem perceber, por meio da oralidade, como as práticas de reza são importantes e se mantêm permanente na sociedade atual.

A personagem que se faz presente nesse estudo e que narra sua história de vida dedicada a gratuidade e partilha de seus saberes é a rezadeira Maria de Lurdes, nascida em 1943, natural de Serraria – PB, onde morou por 30 anos. Durante esses anos já casada, passou quatro anos morando apenas com seus filhos, próxima dos pais, pois o marido teve que ir para São Paulo trabalhar. Após seu retorno, foram morar no Sítio Filgueira, onde compraram uma área de terra.

Mãe de 10 filhos, dos quais sete ainda estão vivos, dona Maria de Lourdes aposentou-se como agricultora, mas tem imenso prazer em relatar que era costureira e bordadeira, e confeccionava vários modelos de roupa. Vindo morar na cidade de Solânea – PB, porque foram vítimas de assaltos, ela nós contamos que faz quatorze anos que mora na cidade e atende a todos que a procuram por orações.

Figura 1: Dona Maria de Lourdes



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da autora.

Hoje em dia já aposentada, morando apenas com o esposo e próxima da casa dos filhos, divide seu tempo entre os afazeres domésticos, a vida de oração e os atendimentos domiciliares dos que a procuram. “à casa é a conta, a casa toma conta de tudo, é muita coisa para fazer pra uma pessoa já da minha idade” (NARRATIVAS [...], 2025) mesmo de idade avançada e, como ela mesma diz, é muita coisa para ela fazer, ao chegar alguém em sua porta precisando de alguma oração, dona Maria vai atendê-lo, deixando de lado as suas atividades para praticar da caridade.

Devota do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora, dona Maria de Lourdes conta na entrevista presente no Youtube, que seus primeiros contatos com a reza se deram no âmbito familiar, de tradição católica, carrega vários ensinamentos deixados por sua mãe, também rezadeira e devota de Padre Cícero ou “Padrinho Ciço”, como é conhecido por dona Maria de Lourdes. Aprendeu o ofício da reza observando sua mãe e sua tia, além de outras pessoas que a rezavam, aos 15 anos de idade, desenvolveu suas práticas de cura, rezando tanto em pessoas quanto em animais, tratando diversos tipos de enfermidades.

Ao partilhar sua narrativa, percebe-se o quanto o contato com o sagrado se faz presente em sua vida, desde sua infância, repassado por sua mãe. Dona Lourdes relata esses momentos com muito apreço. Mulher de muita fé, se fez muito atuante na igreja, foi ministra da eucaristia, catequista, coordenadora do dízimo, zeladora da capelinha Nossa Senhora da luz da sua comunidade, auxiliar nas reuniões de casamento. Hoje em dia, devido à idade, seu ritmo de atuação nas missões da igreja diminuiu, mas não o deixou de praticar por completo. Ao adentrarmos em sua residência, nos deparamos com sua forte expressão de fé, igreja doméstica

e lugar de muita oração. As missas acompanhadas pela TV, terços e várias novenas ao dia remontam o cotidiano da vida de oração de dona Maria. Espalhados pelos cômodos da casa, somos recepcionados por imagens de Nossa Senhora, Sagrado Coração de Jesus, Padre Cícero, imagens de familiares e objetos de sua juventude, guardados como forma de lembrança e sentimento de fé. Esses símbolos sagrados desempenham papel importante durante o ritual de cura e para os enfermos que as procuram.

As imagens de signos da cristandade também reforçam no imaginário do enfermo a ideia de lugar sagrado, bem como o poder emanado por ela, não é uma casa comum, muito menos uma pessoa comum, mas uma rezadeira que por meio desses símbolos, evoca poder de cura. (Rodrigues, 2023, p. 89)

Essas memórias narradas nós remontamos sua infância e sobre as práticas que ocorrem nesse espaço místico. Uma das práticas da tradição católica, desenvolvida ainda hoje por Dona Maria, é a abstinência de carne nas sextas feiras, ensinamento passado por sua mãe. Dona Maria de Lourdes ainda guarda seus ensinamentos e o transmite a outras pessoas.

Pois é, ela com cinco anos aprendeu tanta da coisa com ele minha fia, viu. Aí passou pra nois, na sexta feira ele dizia pra todos sabe, [...] só tiver carne pra come não coma carne dia de sexta feira, porque toda sexta feira representa a morte e paixão de Jesus Cristo. [...] disse que comece o pirão da vida, o pirão da vida sabe o que era? Era ferver água e fazer um pirão com farinha, sabe e comer. Pra não comer se não tivesse nada o que comer, mas não coma carne. (NARRATIVAS [...], 2025)

Os saberes transmitidos para dona Maria se constituíram no passado, e foram repassados de uma geração a outra. Dona Maria aprendeu várias orações para cura de doenças, “As “doenças de rezadeira” são aquelas, cuja concepção e diagnóstico acabam por ser definidos e elaborados pela própria rezadeira.” (SANTOS, 2007, p.77). São doença que segundo essas mulheres só podem ser tratadas por rezadeira

Entre elas as mais recorrentes tratadas por Dona Maria de Lourdes são: mal olhado, admiração, vento caído, ramo, peito aberto, espinhela caída, e orações para animais. Sobre como aprendeu a rezar ela nos relata. “Com idade de quinze anos, tanto rezava o povo quanto rezava os animais, abastava o povo dizer minha fia, como rezava os animais. Eu nem escrevia ao menos, sabe. Rezava meus animais, aí pronto, eu aprendi”. (NARRATIVAS [...], 2025)

Durante o ritual de cura, outros elementos se fazem presente além das orações. Algumas rezadeiras destacam usar ramos verdes de árvores, tecido, linha e agulha, gestos em cruz entre outros elementos que compõem o ritual. Questionada se usava algum elemento durante os rituais de cura, dona Maria diz o seguinte.

Aí olha, eu rezava com ramo de mato sabe, três raminho de mato. Aí quando minhas mãos foi consagrada na canção nova sabe, que chegou o momento tá vendo [...] foi

consagrada aonde eu colocar essas mãos viu, será curado. Por quê? Porque obedece a Deus! Quem ama de coração e observa tudo dele, na hora que tá morrendo já tá vendo o céu pelo descanso. (NARRATIVAS [...], 2025)

E perceptível o quanto o sagrado se faz presente na vida de dona Maria, e como as práticas de rezar se modificam, ganhando novos formatos. Dona Maria de Lurdes, ao deixar de lado o uso do raminho verde prática que marca o sincretismo religioso destas mulheres, adere aos gestos em cruz feito sobre o corpo do cliente durante as orações prática que se desvincula da liturgia oficial da igreja, trazendo para o contexto das orações, elementos do catolicismo, tradições indígena e afro-brasileira. Mesmo tendo deixado de utilizar um elemento comum entre as rezadeiras, ela nos conta que para rezar em animais (com exceção o gado), utiliza-se uma vassoura com movimentos da calda para a cabeça. Outro elemento é uma fita longa utilizada para medir a espinhela caída ou peito aberto.

A utilização das plantas se faz presente em alguns momentos durante o ritual de cura, seja no momento de remoção do mal olhado, ao qual o ramo é utilizado por algumas rezadeiras para afastar o mal do paciente, ou em fórmulas de medicamentos indicados pelas rezadeiras que detém do conhecimento das plantas medicinais, para confecção de chás, garrafadas, lambedor entre outros remédios caseiro.

A utilização do ramo acontece principalmente no tratamento do mal olhado, os ramos geralmente são colhidos no quintal da própria rezadeira que busca sempre trazer um número ímpar de ramos, geralmente usando-se três galhos, representando a Trindade Santana, passada sobre o paciente em forma de Cruz. “Na tradição católica o número três simboliza a vitória da vida, quando é lembrado que a ressurreição de Cristo ocorreu no terceiro dia após a morte” (THEOTONIO, 2010, p. 35) “O ramo verde está associado à demonstração de honra deferida a um vencedor, [...] Assim, ao passar o ramo em volta da pessoa doente a rezadeira sinaliza a vitória sobre o mal, o afastamento da doença e o triunfo da vida”. (THEOTONIO, 2010, p. 75)

Figura 2: A rezadeira



Fonte: Pitapaiva20, 14. fev. 2025, A Rezadeira. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/DGDQasDOQSa/?igsh=b3BvMHdsNHhwa3Fq>

As rezadeiras destacam não rezarem em dias e horários específicos. “Uma recomendação é quanto ao horário em que são realizadas as rezas, D. Bernadete diz que não se pode ensinar nada de noite, muito menos rezar. Não se reza depois do pôr do sol, por que o sol vai se pondo aí se você vem se curar, aí o sol vai levando a reza e num serve mais” (THEOTONIO, 2010, p.38). Sobre essa prática Dona Maria de Lurdes diz não ter horário nem local para rezar, está disponível a qualquer momento, porque quem cura é Deus.

É qualquer horário, que Deus é quem cura, não é eu não! A rezadeira que inventar que que dia de domingo ou dia de, ou de noite não reza por causa que já passou de hora ou o sol já se pois, não! Não tem esse negócio comigo não, que eu não sou quem deixa ninguém curado não, quem deixa Jesus! Eu sou instrumento dele. (NARRATIVAS [...], 2025)

Segundo Quintana (1996), “a rezadeira é mediadora, ou seja, ela nunca atua sozinha; além dos símbolos, dos santos invocados, elas pedem força ao sagrado para eficácia da sua cura”. (QUINTANA, 1996 apud RODRIGUES, 2023, p. 89) Dona Lurdes, em suas orações, afirma sua fé no sagrado e que a cura prove dele e de Nossa Senhora, como ela diz em suas orações, “Deus quer e Deus pode e Deus acabara com todos mal que tiver, Jesus Cristo é quem te cura de tudo isso, e eu te benzo em nome do Pai do Filho do Espírito Santo” (NARRATIVAS [...], 2025)

Atuante na cidade de Solânea-PB há quatorze anos, dona Maria de Lourdes destaca ser conhecida por muitas pessoas sua reza expandiu-se para além da área rural, alcançando as pessoas da área urbana, além de abranger outras cidades, como Bananeiras, João Pessoa e São Paulo. Esse contato com pessoas de outra localidade se deu por meio do uso do celular, instrumento da modernidade que se tornou essencial para que ocorra o contato entre o rezador e o enfermo de outras regiões. Isso nos revela o quanto as práticas de reza ganham formas e adaptam-se ao seu meio, buscando formas para difundir suas práticas, mesmo que inconscientemente.

Após atingir um número maior de pacientes, dona Maria de Lourdes hoje deixa registrado o nome dos pacientes, para que, de sua residência possa estar propagando o ritual de cura, sem que o paciente tenha que voltar mais de uma vez a sua residência, visto a distância de localidade de alguns enfermos que a procuram. Ambos os instrumentos o tecnológico com o uso do celular e o caderno para registrar não apenas o número de paciente a qual a ela recorrem mais como meio de se recordar e rezar por todos, dona Lourdes amplia os meios de repasse de seus conhecimentos, possibilitando alcançar novos paciente/crentes através da resignação de sua prática.

E os que eu rezava lá no sítio sabe, não chegou a oportunidade de eu escrever não, só chegou à inteligência de eu escrever aqui. Porque os pobrezinhos lá no sítio iam sabe! Porque era perto. Mais aqui tem gente que esse aqui mora em Lage, mora em Bananeiras né! Aí vim todo dia, aí eu exigi deixar o nome aí, aí eu rezo tudim. [...] Hoje completou 1871 só nesse caderno, né muita gente? [...] Esses aqui são os que vem tudim aqui que bota o nome deles e os outros que me vê aí pera rua, a Ave Maria, eu sou, eu não sei se eu já disse a tu, que eu sou conhecida de Deus e do mundo inteiro, é minha fia. (NARRATIVAS [...], 2025)

O ato de cobrar pela reza é proibido, pois a mesma prática a reza por caridade, geralmente elas recebem alguns agradamentos espontâneos dos suplicantes por terem sua saúde restabelecida. “Uma cobrança por parte da benzedeira viria a manchar, a sujar o trabalho realizado como a imagem de quem a realiza. Ao colocar um valor um preço e vender os seus serviços, elas estariam deixando de ter as qualidades de bondade e pureza, as quais lhes possibilita sustentar um lugar especial em manter o dom” (QUINTANA, 1999, p. 89 apud SANTOS, 2007, p. 110)

É aceito minha fia, eu só num, num quero pagamento, me dando uma lembrancinha pode me dá, toda criatura de gente, agora pagamento, Deus me defenda! Que os discípulos de Jesus eles nenhum fazia pago, as coisas se for pago já é gente, que a palavra de Deus não se vende né! Pois é minha fia se fosse vendido via! (NARRATIVAS [...], 2025)

São poucas as pessoas dispostas a tornarem-se possuidores do dom da reza. Ser rezador não é uma tarefa fácil; não é apenas memorizar algumas orações, tem que ter fé na atuação divina e praticar da gratuidade além da disponibilidade para com os suplicantes. THEOTONIO, (2010, p. 36-37) diz o seguinte “algumas rezadeiras mais idosas se dispõem a ensinar outras mulheres que se mostrem interessadas no aprendizado das rezas, nessas ocasiões a mestra revela seu saber, compartilhando valores religiosos e culturas”.

A passagem do conhecimento das rezas é transmitida através da oralidade, que pode ocorrer por meio da transmissão de gênero, onde o sexo feminino exclusivamente só poderá ensinar ao sexo masculino ou inversamente. Segundo SANTOS, (2007, p. 93) “Essa preocupação com a transmissão entre gênero oposto, talvez seja uma estratégia encontrada para

restringir, de alguma forma o controle desta prática”. Está transmissão é praticada por rezadeiras e rezadores que acreditando na crença de que ao se transmitir seus conhecimentos a uma pessoa do mesmo sexo, ela está sujeita a perder seu dom de cura. O repasse dos conhecimentos por meio de gênero, limita o acesso de outros indivíduos a aprender o ofício, principalmente para a aprendizagem de novas rezadeiras, visto que o número de homens rezadores é bem mais reduzido. Mas são aspectos particulares de cada benzedeira, dona Lourdes aprendeu as orações por meio da transmissão de parentesco, observando sua mãe e sua tia. Atualmente, ela nos relata a pouca procura das pessoas em se tornarem rezador ou rezadeira.

O povo lá de São Paulo telefona, dona Lourdes me reza, e eu já, já disse pra alguém que quando Deus me levasse, por que o povo tão pensando sabe, o povo tão pensando pucerto, o povo não aprende, mais é difícil o povo aprender num é! Num querer ser rezador não, querem ser só as coisas que ganha dinheiro, né nega! Ave Maria! Pois é eu sou é quem aquele canto, que diz assim, eu sou um cristão de verdade a missa não mais perderei[...] quando a gente nasce sabe, no ventre da nossa mãe, Jesus já escolhe a gente pra aquele trabai, né! (NARRATIVAS [...], 2025)

Em seu relato, torna-se perceptível que o dom da reza, por mais que tenha sido alcançado por meio da oralidade passado de geração em geração, Dona Maria se diz ser escolhida por Deus para assumir o papel de rezadeira, que o dom a ela concedido foi obra e graça do senhor. Segundo dona Lourdes ela foi escolhida e capacitada para atuar como rezadeira, onde o conhecimento lhes foi revelado por intermédio de outras pessoas que detinham.

Dona Maria Lourdes disponibiliza seu tempo a serviço da comunidade, abre as portas de sua casa e receber com alegria os que a ela procuram. Para ela, não há um horário específico para reza, nem empecilhos que a impeça de praticar o bem. Mesmo com a idade de 83 anos, mostrasse ativa na prática da cura e guarda em sua memória vários aprendizados e experiências adquiridos com o tempo.

Ao enxergar o ato da reza como um dom de servir ao outro, a rezadeira e o rezador mais uma vez se colocam enquanto um trabalho não apenas religioso, mas um trabalho social, eles rezam para servir ao outro e não para se colocar como líderes religiosos, autoridades ou detentores de poderes, seu serviço é de acolhimento para com o outro, por isso a busca e o respeito por essas práticas. (RODRIGUES, 2023, p.137)

O reconhecimento das rezadeiras na comunidade ocorre mediante a crença daquele povo em sua atividade, quando eles passam a partilhar de um mesmo credo. Mesmo após os avanços tecnológicos, principalmente no campo da medicina e a facilidade encontrada para o atendimento nos postos de saúde espalhados não só na área urbana, mas já se encontram na rua rural, a procura por parte de homens e mulheres, jovens e crianças pelo tratamento com a rezadeira permanece ativo e muito procurado, tornando-se perceptível o vínculo de fé e confiança criado entre a rezadeira e a comunidade. Durante a entrevista com dona Lourdes, pode-

se perceber o quanto ela é procurada pela comunidade, não apenas pelos registros deixados em seu caderno com vários nomes de pacientes que a procuram, mas pela quantidade de pacientes que se fizeram presentes nos dias em que a entrevista estava sendo realizada.

Outras práticas muito comuns entre as rezadeiras é a oração em voz baixa, segundo THEOTONIO (2010, p.32)

As rezadeiras têm um poder pelo saber que detêm em relação às rezas e se preocupam com a conservação deste saber. [...] Ao manterem a reza em segredo, não compreensível totalmente para o rezado, a rezadeira estabelece uma relação de poder, onde a pessoa que escuta partes ou sussurros da reza não detém o conhecimento sobre o ofício da rezadeira e a esta vem recorrer.

O sigilo praticado por algumas rezadeiras ao realizarem o ritual de cura, se justifica não só como meio de preservar essa prática cultural, mas de repassar esse ensinamento apenas a pessoas que realmente se sintam tocadas pelo oficial. No entanto, carrega consigo a ideia de que não são todas as orações que devem ser ensinadas e alguns costumes não permitem que a prática de iniciação ocorra entre pessoas do mesmo sexo, correndo o risco de perder ou afracar o poder de sua oração. Esses costumes não são exclusivamente praticados por todas as rezadeiras, dona Maria de Lourdes nos relata não se incomodar em fazer as orações audíveis, pois assim permite que os pacientes saibam do que se trata as práticas ao qual estão recorrendo. “Porque uma palavrinha que escuta se enche de fé, e a doença vai embora, que Deus disse assim, a tua fé te salvou. Por que a pessoa dizendo só cuchichando Ave Maria, a pessoa entra, chega e sai e não sabe o que encontrou, né!” (NARRATIVAS [...], 2025)

Além das orações que dona Lourdes utiliza para cura das enfermidades, ela ensina uma oração de proteção para que os pacientes que a ela recorrem possam dizer durante o decorrer do dia, “Senhor Jesus Cristo, livre me dá malvista! Do ódio da inveja e da cobiça”. (NARRATIVAS [...], 2025) Segundo Dona Lourdes, algumas doenças, como o mal olhado, durante a oração indicam se ele foi colocado por homem ou mulher. Se durante a oração a boca se encher de água na oração do Pai, nosso o olhado teria sido colocado por um homem; caso aconteça durante a Ave Maria, foi colocado por uma mulher.

Assim como a maioria das rezadeiras, dona Maria de Lourdes é conhecedora de várias orações para diversos tipos de males. Para a maioria de suas orações, existe uma oração específica; porém, algumas, como o olhado e quebrante, utiliza-se a mesma oração para o tratamento. Da mesma forma que a espinhela caída e peito aberto também se utiliza a mesma formulação. Um aspecto comum entre todas as orações praticadas por dona Lourdes é a oração do Pai Nossa e Ave Maria, e as oratórias finais que são semelhantes entre todas. Durante a

entrevista concedida por dona Lourdes, fica evidente em sua narrativa as orações mais recorrentes, os tratamentos e diagnósticos concedidos por ela sobre cada oração.

Entre elas, destacasse o mal olhado e o quebrante, males que se assemelham, pois ambas designam da admiração lançada sobre um indivíduo. Segundo Santos (2007), o mal olhado é lançado sobre o indivíduo em forma de admiração que outra pessoa lança sobre qual quer aspecto da vida da pessoa ou animal, mas sem o uso da palavra apenas com o olhar. Segundo o autor os sintomas variam desde esmorecimento, abrir de boca, sonolência entre outros enfermidades. O quebrante é colocado através do olhar e admiração que e lançado sobre o indivíduo através do falar.

Dona Lourdes a partir de seus conhecimentos relata os sintomas do mal olhado, “conheço que é mal olhado que chega esmorecido, e abusado minha fia, tem criança que chega abusada [...] fraqueza” (NARRATIVAS [...], 2025)

Oração para mal olhado quebrante (admiração)

Pai, Filho, Espírito Santo, Amém! (*Nome da pessoa*), com dois te butaro, com três eu tiro, com o puder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. Com puder de Deus Pai e da hóstia consagrada, Deus que e Deus pode e Deus acaba tudo quanto ele quer, também acabará com olhado e quebrante, admiração. Nas carnes no olhar, na rua esperteza, na tua corage e no teu trabalho, na tua alegria, na tua cumida e tudo quanto tiver. Se butaro pela frente eu tiro com puder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, e se butaro pelo lado eu tiro com puder de Deus Pai e da hóstia consagrada e se butaro por detrai eu tiro com puder de Deus Pai, Deus Senhor São Braz, e se butaro de coração quem lhes cura e Senhor São João. (NARRATIVAS [...], 2025. Grifo nosso.

Reza um pai nosso e Ave Maria, recita a oração completa três vezes. Após reza-se uma Salve Rainha, ao chegar na parte, *depois deste desaterro, mostrai-nos Jesus acrescenta...*

saúde, furtuna e felicidade a (*nome da pessoa*) para que ela fique boa, deste olha, deste quebranto, essa admiração, essa fraqueza, desse esmuricimento no corpo e um dia seja digna das promessas de Cristo, seja nosso. Amém! Ofereço esses trei pai nosso, com essas trei Ave Maria, trei Santa Maria, esta glória ao Pai, essa Salve Rainha que agora rezei na intenção das cinco Chagas de Nosso senhor Jesus Cristo, que retire toda doença do corpo de (*nome da pessoa*) paras ondas do mar, pra é de ir que o vento leva e o sol carrega, por que Deus quer e Deus pode e Deus acabará com todo mal que (*nome da pessoa*) tiver, (*nome da pessoa*) Jesus Cristo é quem te cura de tudo isso, e eu te benzo em nome do Pai do Filho do Espírito Santo, amém! Fica curado com puder Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. Fica curado com puder de Deus Pai e da hóstia consagrada. E louvado seja nosso senhor Jesus Cristo

para sempre seja louvado, e nossa mãe Maria Santíssima, diga amém! (NARRATIVAS [...], 2025). Grifo nosso.

Durante a narrativa de Dona Lourdes, fica evidente todos os pontos que marcam a sua oração, seja o início com a invocando a Santíssima Trindade com o sinal da cruz, a reza em tom áudio para o cliente, que tem o intuito de anular todo mal lançado sobre a pessoa, lançando o para as ondas do mar, e por final designa a Deus e aos Santos de proteção capaz de anular e proteger da desordem.

Sobre a doença de ramo, dona Lourdes destaca que “Ramo é a gente recebe, a gente tá aí assentado, aí as recebe, ele vem do sol da lua, vem das estrelas, vem de todos os ramos”. (NARRATIVAS [...], 2025)

Oração para Ramo nos olhos

Em nome do Pai, do Filho do Espírito Santo, amém! (*Nome da pessoa*) Nossa Senhor Jesus Cristo quando no mundo ele andou todo mundo de curou, ramo verde do mato, ramo entrado, ramo mandado, ramo atuado, ramo do sol, ramo da lua, ramo das estrelas, ramo de todos os ramos, com a palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo eu curo, (*nome da pessoa*) de ramo nos olhos, ramo na vista, ramo na carne, ramo na pele, ramo no sangue, ramo na veia e ramo de todos os ramos, eu curo e ritiro, mais é em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém! Mande embora e nunca mais volte. (NARRATIVAS [...], 2025). Grifo nosso.

Reza um pai nosso, Ave Maria, recita a oração completa três vezes. Após rezasse um creio em Deus Pai, Santo Anjo, Ato de contrição e uma Salve Rainha, ao chegar na parte, *depois deste desaterro, mostrai-nos Jesus* acrescenta...

saúde, furtuna e felicidade a (*nome da pessoa*) para que ela fique boa desta doença que tá nos olhos dela, desse vermeião, dessa inchação, dessa inflamação e um dia ela seja digna das promessas de Cristo, seja os nossos, amém! Ofereço esses três Pai nosso com essas três Ave Maria, Saúde três Santa Maria está glória ao Pai, está salve Rainha, estas orações que eu agora rezei na intenção das cinco Chagas de Nosso senhor Jesus Cristo, que retire toda doença dos olhos (*nome da pessoa*) e para as ondas do mar e para lá é de ir, que o vento leva eu sol carrega, porque Deus, Deus pode Deus acabar a contudo quanto ele quer, também acabará todo mal que (*nome da pessoa*) tiver, (*nome da pessoa*) Jesus Cristo é quem te cura de tudo isso, eu te benzo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém! Fique curado cum puder de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, fique curado com puder Deus Pai e hóstia consagrada e louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado, nossa mãe Maria Santíssima, diga amém! (NARRATIVAS [...], 2025). Grifo nosso.

Descrevo abaixo os sintomas que marcam a espinhela caída e peito aberto citado por Santos (2007) e Theotônio (2010), enfermidades que se fazem presente no cotidiano de dona Lourdes. *Peito aberto*, trata-se de uma doença acometida devido o esforço físico, entre os sintomas estão dores na coluna, fraqueza, dor e ardência na região do peito. Entre os sintomas para *espinhela caída*, encontra-se falta de ar, queimor e desnutrição.

Oração Peito aberto e Espinhela caída

Inicia-se a oração com o paciente ficando de pé e descalço.

“(Nome da pessoa) Santo Antônio se vestiu e subiu para o Santo altar, levantasse “peitos aberto ou espinhela” sai do estambo de (nome da pessoa) e vai para teu lugar, cinco tu se emborcasses tu ei de se levantar. Com puder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, amém!” (NARRATIVAS[...], 2025) Reza Pai nosso e Ave Maria, recita a oração três vezes em frente ao paciente e após repetisse a oração com o paciente de costa, rezasse a Salve Rainha, ao chegar na parte, *depôs deste desterro, mostrai-nos Jesus* acrescenta...

Saúde, furtuna e felicidade (nome da pessoa), para que ele fique bom desses eitos abertos, espinhela caída, chunchada e facada e pontada que sentiu nas suas cruces, no seu estambo, no seu corpo e um dia seja digno das promessas de Cristo seja nosso, amém! Ofereço esses trei Pai nosso, essas trei Ave Maria, essa glória ao Pai, e essa Salve Rainha, em intenção das cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que retire toda doença de (nome da pessoa), pras ondas do mar e pra lá ei de i, que o vento leva e o sol carrega, porque Deus que, Deus pode e Deus acabará quanto ele quer. Também acabará com todo mal de (nome da pessoa), Jesus Cristo é quem te cura de tudo isso, e eu te benzo em nome do Pai, do Filho do Espírito Santo, amém! Fique curado cum puder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, fique curado cum puder de Deus Pai da hóstia consagrada e louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado, nossa mãe Maria Santíssima, diga amém! (NARRATIVAS [...], 2025). Grifo nosso.

As orações para animais segundo Dona Lourdes variam, para tratar animais como (gado, ovelhas e cabras) a oração é a mesma para pessoa, com a introdução do Pai Nosso e Ave Maria, já para porco, cachorro e gato as orações não contém o acréscimo do Pai Nosso e Ave Maria.

Oração para animal (cachorro)

“(Nome do animal), tua mãe te teve e eu te criei, com essa vassoura tirarei todo mal que te butaro (Grifo nosso)” (NARRATIVAS [...], 2025), recita três vezes passando a vassoura da cabeça para calda e três vezes o movimento seguido da oração da calda para a cabeça.

É nessas narrativas orais que nos deparamos com esse universo mágico, e podemos, por meio dessas histórias, compreender as formas diversas encontradas por essas mulheres para permanência de seus costumes e tradições, e as adaptações ao seu meio que possibilitam a permanência dessas mulheres na sociedade atual, tornando-se sujeitas de sua própria história. Segundo Costa (2012, p. 64) nossas rezadeiras, através da memória-hábito, permitem que suas práticas não sejam esquecidas, uma vez que fazem parte de seu cotidiano e, uma vez adquiridas, dificilmente deixarão de exercê-las, e no caso de deixarem, cuidarão para que o ofício seja passado para outras pessoas, que guardará a lembrança dos ensinamentos e criará a memória-hábito, por sua vez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reza faz parte do contexto social de várias regiões do Brasil e remontam ao período colonial. Por muitos anos, foram as únicas alternativas médicas tanto na área urbana quanto na rural. Portanto o presente trabalho buscou trazer além da importância dessas mulheres para as suas comunidades como os meios pelos quais elas mantêm ativas na sociedade essa prática tão emblemática.

Portadoras de um saber médico religioso, essas mulheres passam por processos de perseguições durante a Idade Média e, na contemporaneidade, disputam espaços com o saber médico científico, que descredibiliza suas práticas rotulando-as como não válidas.

Essa pesquisa buscou resgatar por meio da narrativa da rezadeira Dona Maria de Lourdes, a memória e cultura popular das práticas de reza, dando voz a essas personagens que resistiram as tentativas de silenciamento por parte da elite. Ao trazer para o meio o cotidiano dessas mulheres, as enfermidades mais procuradas e as formas de tratamento, este trabalho visa permitir que as práticas dessas mulheres não caiam no esquecimento. Além disso, busca registrar o quanto essas mulheres são autoras sociais que doam seu tempo, conhecimento e experiências para manutenção e restauração da saúde de homens e mulheres que as procuram.

REFERÊNCIAS

FONTE:

Entrevista utilizada se encontra no endereço:
https://youtu.be/5BgcUT1qUxs?si=SDHDkvhE_dfch6Qd

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo: Hucitec [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987

BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CÂMARA, Yls Rabelo; SANZ-MINGO, Carlos; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. **Das bruxas medievais às benzedeadoras atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar** – uma pesquisa exploratória. Boitatá, v. 11, n. 22, p. 221-236, 2016

COSTA, Joalison de Sousa. **As velhas benzedeadoras/rezadeiras cacimbenses** [manuscrito]/Joalison de Souza Costa – 2018. Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, centro de Humanidades.

COSTA, Kaline Ferreira. **Em busca do fio de Ariadne: as rezadeiras no labirinto histórico da modernidade – uma crítica às teorias do desencantamento do mundo** (Alagoa Nova – PB: 1980 a 2012) / Campina Grande, 2012. 76, p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas, Sp: editora Unicamp, 1990

HERMANN, Jaqueline. “História das Religiões e Religiosidades” In: CARDOSO, Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997

MOTT, Luiz. **Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu**. História da vida Privada v.1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.155-220.

NARRATIVAS da Rezadeira Dona Maria de Lourdes, sobre suas práticas de reza. [S. l.: s. n.], 26 maio 2025. 1 vídeo (72 min.). Publicado pelo canal Karla Santos. Disponível em:https://youtu.be/5BgcUT1qUxs?si=SDHDkvhE_dfch6Qd. Acesso em: 26 de maio 2025.

PRIORE, Mary del. **História das Mulheres no Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2006

PORTELA, Ludmila Noemi Santos. “**Os pilares da fogueira**”: a construção do discurso Cristão contra a bruxaria na Idade Média (séc. XIV) *Dimensões*, v. 39, jul.-dez. 2017, p. 197-219. ISSN: 2179-8869

REGO, Maria Fernanda Gusmão. **Saberes tradicionais, práticas de benzimento e educação popular em saúde** / São João Del Rei, 2023. 93 f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Universidade Federal de São João Del Rei.

RODRIGUES, Franciel dos Santos. **Voices que narram e palavras que curam: as rezadeiras e rezadores do sertão do vale do Sabugi.** / Campina Grande, 2023. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidade.

RODRIGUES, Franciel dos Santos. **Entre o dito e o escrito: histórias e memórias das rezadeiras E da comunidade de Junco do Seridó – PB** / Campina Grande, 2019. 70 f. Monografia (Especialização) – Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, centro de educação

SANTOS, Francimário Vito dos. **O Ofício das Rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN / Nata, 2007.** 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Ana Rosa Clozet. “**A abordagem histórica nos estudos de religião: contribuições Para um campo multidisciplinar**”: In: SILVA, Emerson Sena (org.). Como estudar as Religiões. Rio de Janeiro: Vozes, 2018, p. 65-97

SILVA, Claudia Santos da. **Rezadeiras: guardiães da história.** In: V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador – Bahia – Brasil. 27 a 29 de maio de 2009.

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues. **Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia – PB** / Campina Grande, 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidade.

TOSI, Lucía. **Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 10, p. 369–397, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>. Acesso em: 1 maio. 2025.